



08531-8/13158
 ARTHUR CAMARA CARDOZO
 R. ITABOCAIA N. 110
 SANTA RUSA
 24240 NITERÓI RJ

IMPRESSO

QUESTÃO AGRÁRIA E ECOLOGIA

Ignácio M. Rangel

Assim como, por dezenas de milhares de anos a guerra foi um modo especial de fazer política e, conseqüentemente, um instrumento de ajustamento das relações de produção aos estágios, que iam sendo alcançados, de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, esse desenvolvimento assumia a forma de domínio incondicional da natureza. A humanidade chegou ao seu atual estágio de desenvolvimento através de imensos incêndios paralelos de recursos naturais — especialmente de florestas — e de homens.

Chegou, entretanto, o ponto em que o planejamento ecológico tornou-se tão compulsório como a paz. Se o homem não souber cuidar da ecologia e da paz, estará marchando para o próprio aniquilamento. Parece que a um inverno nuclear — consequência fatal do emprego irresponsável dos modernos meios de extermínio — somente sobreviveriam as baratas e, quem sabe, nem mesmo elas.

Dia virá em que os problemas básicos da ecologia planetária serão tão indivisíveis como o problema da paz. Mas esse dia não chegou. Enquanto umas poucas potências se arrogarem o direito de se prepararem abertamente para a guerra nuclear, para a guerra química e para a guerra biológica, seria descabido exigir dos países menos desenvolvidos que não usem arbitrária ou mesmo temerariamente dos recursos naturais que lhes couberam, na partilha histórica do planeta, com o fito de — a exemplo do que fizeram no passado os atuais povos de vanguarda — liquidarem o próprio atraso.

Isto, entretanto, não quer dizer que usemos atrabiliariamente os nossos pró-

prios recursos naturais. No nosso próprio interesse, devemos buscar as melhores alternativas para o desenvolvimento. Até porque, antes do restante da humanidade, pode ser o Brasil a primeira vítima do uso irresponsável dos recursos naturais. — Acaso a devastação pelo fogo da floresta amazônica será indiferente ao aparecimento de anomalias climáticas no nosso próprio país, inclusive a essa devastadora seca no Rio Grande do Sul?

Sabemos ainda muito pouco dessas coisas. Mas o pouco que sabemos deve bastar para aconselhar-nos cautela. Apesar do atraso das nossas próprias forças produtivas, já sabemos que as reservas de sardinhas e de lagosta devem ser exploradas racionalmente, sob pena de comprometê-las. Isso quer dizer que o domínio da natureza como caminho do desenvolvimento deve ser feito com um grão de sal. Já sabemos que os recursos naturais devem ser explorados, de tal modo que, não apenas sejam racionalmente preservados, como melhorados e ampliados.

Um exemplo ilustrativo disso, no Brasil, podemos encontrá-lo no uso da disponibilidade de terra arável. Com efeito, temos uma Amazônia que, explorada com o auxílio pré-histórico do fogo, depois de poucas safras — muito poucas — pode ser convertida em deserto. E temos o Cerrado que, com o auxílio da moderna técnica agrônômica pode, ao contrário, ser corrigido e melhorado, como se estivessemos redescobrimo o Brasil.

A Amazônia tem, tanto, entretanto, a vantagem de poder ser explorada com tecnologia ao alcance do pequeno camponês, que tem na coivara seu instrumento

fundamental de trabalho — como há milhares de anos — O Cerrado, ao contrário, somente começou a tornar-se acessível com a agricultura mecanizada e quimificada, vale dizer com o desenvolvimento do capitalismo no campo.

Não quer isso dizer que a agricultura capitalista seja intrinsecamente ecológica. Basta considerar que algumas das mais catastróficas queimadas podem ser atribuídas a agricultura capitalista, no processo de transformar matas nativas em pastagens. Mas quer dizer, que, em nossas condições concretas, especialmente pelo uso de áreas problemáticas, como o Cerrado e a Caatinga, a agricultura capitalista pode oferecer soluções ecológicas para o desenvolvimento de nossa agricultura, soluções vedadas a pequenas exploração familiar, como a que resultaria de uma reforma agrária, no sentido usual dessa expressão, isto é no sentido da generalizada exploração familiar da terra.

A exploração racional da Amazônia dificilmente pode compatibilizar-se com o cultivo familiar. A pequena exploração a resultar da reforma agrária é viável na Amazônia — ao contrário do Cerrado, onde só muito excepcionalmente será viável — mas será predatória.

Uma exploração racional da Amazônia, nos nossos presentes horizontes tecnológicos, deverá implicar na exploração da floresta como tal, isto é, como floresta. Ora, isso supõe uma exploração capitalista ou socialista. Com efeito somente assim poderemos melhorar a hiléia, no processo de extrair dela as melhores madeiras, substituindo-as por espécies ainda melhores, tanto para o suprimento de madeira, como de frutos.